

ADOLESCÊNCIA*

Anna Freud (2012) diz que é muito difícil assinalar o limite entre o patológico e o normal na adolescência, e considera, na realidade, toda a comoção desse período da vida como normal, assinalando também que seria anormal o equilíbrio estável durante o processo adolescente. Portanto, deve se compreendê-lo para situar seus desvios no contexto da realidade humana que nos rodeia.

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O que configura uma entidade semipatológica, que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mais necessária para o adolescente que nesse processo vai estabelecer a sua identidade, sendo esse um objetivo fundamental deste momento da vida.

Para isso, o adolescente deve enfrentar o mundo dos adultos para o qual não está totalmente preparado e desprender-se do seu mundo infantil no qual e com o qual vivia cômoda e prazerosamente, em relação de dependência, com necessidades básicas satisfeitas e papéis claramente estabelecidos. Seguindo as ideias de Aberastury e Knobel (2003), podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais:

1. O luto pelo corpo infantil perdido:

Base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que por muitas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como expectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo.

2. O luto pelo papel e identidade infantis:

Que obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece.

3. O luto pelos pais da infância:

Os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando refúgio e a proteção que ele significa, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também tem que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças.

4. Luto pela bissexualidade infantil também perdida.

Esses lutos vão acompanhados por todo o complexo psicodinâmico do luto normal e em ocasiões adquirem as características do luto patológico. Esta situação do adolescente frente a sua realização evolutiva, baseada nas relações interpessoais da sua infância, a qual deverá abandonar, levam à instabilidade que o define, constituindo uma espécie de identidade nosológica cujas características essenciais são descritas como Síndrome da adolescência normal. Essa síndrome surge por meio da interação do indivíduo com seu meio. O mundo dos adultos, não aceita as flutuações imprevistas do adolescente sem comover-se, já que reedita nos adultos ansiedades básicas que tinham, até certo ponto, sido controladas.

O adolescente isolado não existe, como não existe ser algum deligado do mundo. A patologia é sempre expressão do conflito do indivíduo com a realidade, seja através da inter-relação de suas estruturas psíquicas ou do manejo das mesmas frente ao mundo exterior.

Acreditamos que as modificações do meio vão determinar a expressão da normal anormalidade do adolescente, mas de nenhuma maneira podemos condicionar toda a realidade biopsicológica deste processo evolutivo às circunstâncias exteriores. A necessidade de elaborar os lutos básicos aos quais nos referimos anteriormente obriga o adolescente a recorrer a manejos psicopáticos de atuação, que identifica sua conduta. Produz-se um curto-circuito do pensamento, onde se observa a exclusão da conceituação lógica dando lugar a expressão através da ação; o que diferencia o adolescente normal do psicopata é que este persiste com intensidade no uso deste tipo de comportamento.

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, amigos, e de toda a sociedade, sendo um receptáculo propício para encarregar-se dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que vive. Assim, vemos o adolescente, de um e outro sexo, em conflito, em luta, em uma posição marginal frente ao mundo que limita e reprime. É esse marginalizar-se do jovem que o pode levar à psicopatia franca, ou pode ser um mecanismo de defesa pelo qual preserva os valores essenciais da espécie humana, a capacidade de adaptar-se modificando o meio, que tenta negar a satisfação distintiva e a possibilidade de chegar a uma vida adulta positiva e criativa.

Bibliografia:

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico. São Paulo: ARTMED. (2003), 96p.

FREUD, A. *Infanzia e adolescenza*. Biblioteca Bolatti Boringhieri. (2012), 160 p.

*Texto elaborado pela psicoterapeuta Katherine Paula Machado.